



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

FRANSUILMA LUNA BARBOSA

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA**

CAJAZEIRAS-PB

2018

FRANSUILMA LUNA BARBOSA

**A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO PARA O ENSINO DE
GEOGRAFIA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras - PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador (a): Prof. Me. David Luiz Rodrigues de Almeida.

Linha de Pesquisa: Geografia Escolar.

CAJAZEIRAS-PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

B238i Barbosa, Fransuilma Luna.

A importância do trabalho de campo para o ensino de Geografia /
Fransuilma Luna Barbosa. - Cajazeiras, 2018.

42f. : il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Me. David Luiz Rodrigues de Almeida.

Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2018.

FRANSULMA LUNA BARBOSA

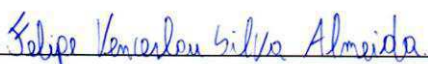
A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Aprovado em: 11 de dezembro de 2018

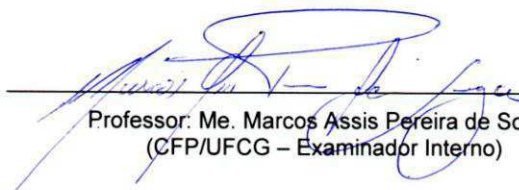
BANCA EXAMINADORA



Professor: Me. David Luiz Rodrigues de Almeida
(CFP/UFCG – Orientador)



Professor: Me. Felipe Venceslau Almeida Silva
(ECIT – Examinador Interno)



Professor: Me. Marcos Assis Pereira de Souza
(CFP/UFCG – Examinador Interno)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, fonte de inspiração e meu amigo fiel. A minha mãe, Feliciana Gercina Luna, a minha filha Emanuely Luna e ao meu esposo Edilson Duarte.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é o ato de reconhecimento de uma pessoa por alguém que lhe prestou um auxílio, que se tornou indispensável na vida desta.

Portanto, é com o coração cheio de alegria que menciono os sinceros agradecimentos abaixo.

A Deus por sempre ter me concedido inspiração e ter cuidado tão bem de mim.

A minha mãe Feliciano Gercina Luna, a minha filha, ao meu esposo, aos meus irmãos e toda minha família, por estarem ao meu lado, dando-me força e palavras de ânimos.

A meu orientador, o Prof. Me. David Luiz Rodrigues de Almeida, pela confiança depositada em mim, pelos grandiosos ensinamentos, por toda paciência e conhecimento transmitidos a mim.

Aos examinadores, o Prof. Me. Marcos Assis Pereira e o Prof. Me. Felipe Venceslau Almeida Silva.

A todos os meus amigos e colegas por toda ajuda que foi me dada.

E a todos aqueles que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que une.”

Milton Santos

RESUMO

Este trabalho está relacionado à importância do uso da metodologia do Trabalho de Campo nas práticas pedagógicas da disciplina de Geografia. A problemática desta pesquisa consiste em analisar brevemente essa metodologia, a fim de compreender a necessidade do Trabalho de Campo dentro do ensino geográfico. O objetivo geral desta pesquisa visa avaliar o comprometimento dessa prática com o processo de ensino-aprendizagem mais interativo e dinâmico, fomentando a relação teórico-metodológico sobre o trabalho de campo como fundamento norteador da aprendizagem de Geografia. Para consubstanciar a análise, resgatamos as categorias relacionadas ao espaço geográfico, sendo elas: Paisagem e Lugar, com base em autores como Sternberg (1946), Souza (2012), Neves (2015), Venturi (2005) e Callai (1988). Para análise do objeto de estudo, recorreremos ao seguinte procedimento metodológico: pesquisa bibliográfica sistematizada. Os resultados obtidos apresentaram o sentido da construção do conhecimento através de práticas inovadoras no ensino da Geografia.

Palavras-chave: Trabalho de Campo, Ensino-aprendizagem, Geografia.

ABSTRACT

This work is related to the importance of the use of Fieldwork methodology in the pedagogical practices of the Geography discipline. The problem of this research is to briefly analyze this methodology, in order to understand the need of Fieldwork within geographic teaching. The general objective of this research is to evaluate the commitment of this practice to the more interactive and dynamic teaching-learning process, fostering the theoretical-methodological relationship on field work as the guiding principle of Geography learning. In order to substantiate the analysis, we have rescued the categories related to the geographic space: Landscape and Place, based on authors such as Sternberg (1946), Souza (2012), Neves (2015), Venturi (2005) and Callai (1988). In order to analyze the object of study, we used the following methodological procedure: systematized bibliographical research. The results obtained presented the meaning of the construction of knowledge through innovative practices in the teaching of Geography.

Keywords: Fieldwork, Teaching-learning, Geography.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. BREVES NOTAS ACERCA DA IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO	12
2.1. Conceito e informações sobre o Trabalho de Campo em Geografia: breves notas	14
2.2. Etapas de um trabalho de campo	16
3. OS CONCEITOS DE PAISAGEM E LUGAR DENTRO DO TRABALHO DE CAMPO	26
3.1. O Lugar	27
3.2. A Paisagem.....	30
4. CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO DE CAMPO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA.....	33
4.1. O Trabalho de Campo e o processo de ensino-aprendizagem em Geografia	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

1. INTRODUÇÃO

Quando decidimos compreender a reflexões acerca da potencialidade da exploração do Trabalho de Campo como uma metodologia prática no ensino de Geografia, estávamos instigados por grandiosas vivências/experiências durante a nossa formação acadêmica. Depois de varias realizações de Trabalhos de Campo em distintas disciplinas, aprendemos a reconhecer a sua importância e necessidade para o ensino e compreensão da Geografia, com isso passamos a refletir sobre as possíveis contribuições pedagógicas que essa ferramenta possibilitaria ao ensino da educação geográfica em especial ao processo de ensino-aprendizagem.

O Trabalho de Campo nas aulas de Geografia surge como um importante aliado do educador afirmado por Neves (2015. p. 12):

[..] compreendemos que a vivência de trabalhos de campo nas aulas de Geografia pode ser um importante aliado do educador ao contribuir para a construção do olhar geográfico dos estudantes. Isto porque acreditamos que uma formação sólida e significativa dos conhecimentos geográficos passa pelo aperfeiçoamento desse olhar ao longo da escolaridade, como meio para compreender gradualmente o espaço geográfico em sua complexidade.

A utilização da metodologia de Trabalhos de Campo pode, por um lado, estabelecer o desenvolvimento e aprimoramento de procedimentos de pesquisa – que são componentes necessários dos conhecimentos em qualquer disciplina.

O uso dessa pratica educacional, permite ao aluno a iniciação à investigação científica, saindo de um processo monótono e tradicional para o centro de um método de ensino e aprendizagem dinâmico e interativo, com o manuseio de determinados instrumentos ligados a essa metodologia, que são: mapas, cartas, croquis, bússolas, entre outros, que tem importante papel no produzir geográfico.

O Trabalho de Campo além de ser uma alternativa para dinamização das aulas de Geografia pode promover maior significado aos conteúdos e possibilitando uma maior aproximação da realidade do alunado. Instigando a produção social entre grupos, e sempre buscando entender a relação desses

no processo de construção e modificação do espaço, valorizando sempre os conhecimentos prévios e empíricos.

Nesse processo de entender a valorização dos conhecimentos prévios, as categorias de análise da geografia Lugar e Paisagem assumem positivamente lugar dentro do trabalho, já que respectivamente o Trabalho de Campo estabelece dimensões de identidade e de aspectos visíveis.

A partir disso, a nossa investigação que buscamos compreender está ligada à seguinte indagação: Qual a importância do Trabalho de Campo para o desenvolvimento do ensino da Geografia e a sua potencialidade ao processo de ensino-aprendizagem? Para entender essa questão, foi necessário analisar os meios de aplicação dos Trabalhos de Campo no ensino da Geografia, relevando substancialmente as discussões acerca da organização dessa prática, desde o seu planejamento a sua culminância.

Para a construção deste, escolhemos e analisamos obras com importante destaque acerca do tema, buscando identificar os aspectos que envolvem as fases que constitui a referida metodologia (planejamento, execução e avaliação), através de pesquisas bibliográficas.

Como resultado, traçamos de forma organizada este trabalho em quatro capítulos. No segundo, apresentamos em breves notas a importância do Trabalho de Campo, conceituando e destacando as etapas de procedimento para a efetivação de um Trabalho de Campo desde o planejamento a avaliação.

Os conceitos de paisagem e lugar são abordados no terceiro capítulo. Compreendemos que essas categorias de análise geográfica, juntamente ao desenvolvimento da metodologia em discussão, possam auxiliar na valorização do conhecimento prévio dos discentes.

No quarto capítulo, destacamos a contribuição que o Trabalho de Campo pode proporcionar ao ensino de Geografia, refletindo relevantemente acerca do processo de ensino-aprendizagem.

E por fim, no quinto capítulo, fazemos uma breve consideração final, retratando de forma resumida a importância do tema em discussão para a construção de uma educação geográfica mais dinâmica.

2. BREVES NOTAS ACERCA DA IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO

A Geografia é entendida como uma ciência que abrange várias áreas do conhecimento. Entre suas vertentes está a Geografia Física, Geografia Humana, Geografia Agrária e Geografia Urbana. Sabemos que a Geografia tem como seu objeto de estudo o espaço geográfico, que segundo Saquet (2008, n. p.):

[...] o conceito de espaço é central e compreendido como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações que estão acontecendo e manifestam-se através de processos e funções.

A partir da afirmação acima, podemos conceituar o espaço como um conjunto cíclico gerado através de relações representativas sociais, que tanto podem ocorrer no passado, criando a rugosidade espacial, quanto no presente, já que é nele que o homem causa as suas intervenções.

Segundo Oliveira (1977. não p.):

A Geografia tem por tarefa descrever, analisar e prever os acontecimentos terrestres. A descrição, análise ou predição geográfica dos fenômenos é sempre realizada tendo em vista suas coordenadas espaciais e mediante a observação de campo. Como o conceito geográfico de espaço coincide com o de toda a Terra, o geógrafo teve necessidade de recorrer à representação da superfície terrestre para realizar seus estudos.

O Trabalho de Campo como uma prática pedagógica surge através da necessidade de desenvolver o processo de compreensão do mundo vivenciado pelos alunos e o que é apresentado dentro do ambiente escolar. Observar e analisar essas representações sociais ou naturais descritas por Saquet (2008).

Conforme Cordeiro e Oliveira (2011, p. 03):

Essa metodologia de ensino contribui para uma melhor compreensão dos conteúdos ao relacionar a teoria proposta em sala de aula com os estudos e análises práticas da paisagem do ambiente observado, ampliando os seus horizontes geográficos ao ir além dos textos e das fotografias do livro didático, e permitindo o desenvolvimento de diversas habilidades nos alunos, tais como identificar, distinguir e

ampliar os conhecimentos adquiridos nas instituições de ensino, comparando-a com a realidade do lugar em que os envolvidos estão habituados.

Uma das principais importâncias do Trabalho de Campo é descrever e apresentar que o espaço é algo dinâmico e constante, ou seja, através da interação do homem-meio surge a modificação desses, criando e/ou recriando novas paisagens sociais ou naturais, já que tanto a sociedade como a própria natureza pode modificar o espaço.



Segundo Canpiani e Carneiro (1993, p. 90) o trabalho de campo desempenha na prática educativa quatro funções:

Ilustrativa, cujo objetivo é ilustrar os vários conceitos vistos nas salas de aula; motivadora, onde o objetivo é motivar o aluno a estudar determinado tema; treinadora, que visa a orientar a execução de uma habilidade técnica; e geradora de problemas, que visa orientar o aluno para resolver ou propor um problema.

Como vimos na citação acima, o Trabalho de Campo surge não somente com a função de apresentar uma nova visão a respeito de determinadas vivências, mas podemos ver que o Trabalho de Campo possibilita meios em que o alunado irá fazer análises entre conteúdos discutidos em sala de aula e o seu dia a dia. Isso pode servir como uma ação de ensino motivador, proporcionando ao aluno sentir desejo de estudar e construir conhecimentos acerca de determinados conteúdos, também se apresenta como uma habilidade técnica e geradora de problemas que irá proporcionar ao aluno, através da orientação do professor, construir resoluções para resolver tais problemas.

Segundo Silvestre *et al.* (2009, p. 01):

A importância do trabalho de campo deve ser enfatizada como recurso didático, porque tal recurso oferece potencialidades formativas que devem ser levadas em consideração no

processo ensino-aprendizagem como uma das técnicas pedagógicas mais acessíveis e eficazes à ciência geográfica.

A partir da citação acima, vemos a importância da utilização do Trabalho de Campo como uma ferramenta pedagógica ligada ao desenvolvimento das potencialidades formativas do alunado, sabendo que essa prática de ensino proporcionará de forma acessível e prazerosa a propagação do ensino-aprendizagem.

Contudo, veremos a seguir a conceituação e informação relativas ao Trabalho de campo.

2.1. Conceito e informações sobre o Trabalho de Campo em Geografia: breves notas.

Percebemos, em primeiro lugar, que embora o termo “trabalhos de campo” seja o mais utilizado para denominar a metodologia que envolve a observação e análise dos fenômenos *in loco*, alguns autores utilizam outras expressões como: estudo do meio, excursão geográfica, prática de campo, trabalho geográfico de campo, prática “andante” de fazer Geografia.

Vemos que essa discordante dialética é restrita à denominação da metodologia, que surge como um fruto de experiências e/ou opções de discussões entre autores. Isso acontece pelo fato de não serem realizados trabalhos no sentido de diferenciar os termos, tidos, como “menos usuais” do conhecido “Trabalho de Campo”.

Podemos dizer, então, que todos esses termos apresentam-se como propostas distintas, todavia, escolhemos o termo Trabalho de Campo por ser mais familiar à Ciência Geográfica.

Segundo Silva (2002, p. 3):

[...] o trabalho de campo vem a ser toda a atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo ao das quatro paredes, através da concretização de experiências que promovam a observação, a percepção, o contato, o registro, a descrição e representação, a análise e reflexão crítica de uma dada realidade, bem como a elaboração conceitual como parte de um processo intelectual mais amplo, que é o ensino escolar. Ou, em decorrência de experiência mais recente vinculada à formação técnica, a observação e

interpretação do espaço e suas formas de organização, inerentes à prática social (2002, p. 3).

Em outras palavras, o Trabalho de Campo é toda atividade que se “externaliza” à sala de aula, ao âmbito de ensino entre quatro paredes, algo intencional que venha promover a construção empírica e, logo, sistemática da observação.

Souza e Pereira (2012, não p.) conceituam o Trabalho de Campo como:

[...] toda e qualquer atividade investigativa e exploratória que ocorre fora do ambiente escolar, é um tipo de atividade que é na maioria das vezes muito bem aceita pelos alunos, em função da possibilidade de sair da rotina escolar de sala de aula, e é um instrumento didático importante no ensino de Geografia, uma ciência que se encarrega de explicar os fenômenos resultantes da relação sociedade/espaço. Outras expressões comumente são utilizadas para se referir a este tipo de atividade como: aula de campo, pesquisa de campo e outras.

É perceptível vemos uma dialética abordada entre os autores já citados, onde eles descrevem e dialogam entre si acerca do conceito de Trabalho de Campo, e logo ao final é possibilitada a nós a compreensão que a referida prática é toda atividade resultante de meios didáticos de ensino que proporcione ao alunado uma leitura ampla, ou seja, uma leitura de maiores horizontes, fora da quase sempre monótona sala de aula.

Segundo Sousa *et al.* (2016, não p.):

Compreende-se que Trabalho de campo consiste no contato direto com o ambiente de estudo fora dos muros burocráticos da sala de aula, que permite ao professor o conhecimento de um instrumento pedagógico eficiente e bastante proveitoso na relação ensino-aprendizagem.

Podemos notar que, não diferente das demais conceituações, a citação acima nos apresenta que o Trabalho de Campo é algo que quebra a burocratização da sala de aula, permitindo ao professor uma maior flexibilidade na transmissão de conteúdos, dito pelo autor que essa prática apresenta-se como um instrumento pedagógico que pode ser considerado inovador nas relações de ensino-aprendizagem, ou porque não dizer também nas relações professor-aluno.

A utilização do Trabalho de Campo como uma ferramenta pedagógica inovadora vem favorecer e enaltecer o processo de ensino-aprendizagem dentro da contemporaneidade, trazendo ao discente uma nova visão para compreensão do ensino da geografia. Pois, através da realização dessa prática muitos fatores podem atrair a atenção do alunado, possibilitando uma maior interação entre o aluno e o meio, sendo algo considerado, pelos alunos, mais dinâmico e proveitoso do que atividades impostas e propostas pelo professor dentro da sala de aula.

Neves (2015, p. 18) apresenta o trabalho de campo como uma oportunidade para os alunos aprenderem a utilizar os seus sentidos para conseguir estabelecer relação entre a teoria e a prática. A partir disso, passando a interagir com o lugar, interferindo (in)diretamente na reconstrução da paisagem, buscando entender toda uma dinâmica de inter-relação. Portanto, vemos que o Trabalho de campo surge não como uma simples alternativa de ensino, mas como uma inovação no processo de ensino da Geografia.

2.2. Etapas de um Trabalho de Campo

O Trabalho de Campo é uma prática pedagógica desenvolvida pela área da Ciência Geográfica de forma relevante, vários professores tendem a utilizar-se dessa prática de ensino, porém, encontramos poucos trabalhos científicos que aborde a estruturação dessa prática, dentre esse poucos estudos podemos citar Sternberg (1946) e Venturi (2005), ambos estruturam o Trabalho de Campo em três importantes etapas: (a) Planejamento e Organização; (b) Realização e (c) Relato de Campo.

As obras dos autores citados acima trazem a sistematização do Trabalho de Campo como uma real ferramenta no ensino da Geografia, descrevendo assim as suas divisões.

- **Planejamento e Organização**

Podemos dizer que essa etapa é a primordial para a realização do Trabalho de Campo. Ou seja, para a efetivação dessa prática deve-se haver um planejamento traçando objetivos e metas a serem alcançadas.

Para Sternberg (1946, não p.) a etapa de planejamento e de organização pode interferir de ou forma positiva ou negativa na eficiência das etapas subsequentes.

Segundo Sternberg (1946, p. 18):

Para obter melhores resultados na realização dos trabalhos geográficos de campo, é necessário: (1) assegurar o preparo técnico do professor e dos estudantes; (2) elaborar o programa de trabalho – determinando o fim visado, as etapas a serem vencidas e os meios a empregar – e tomar as providências administrativas preliminares; (3) selecionar e preparar o equipamento necessário para a realização do trabalho de campo.

A partir da citação acima, observamos que para existir o planejamento de forma sistemática do Trabalho de campo, há uma subdivisão dessa etapa. A primeira tida como Preparação Técnica.

Sternberg (1946, p. 26) traz a Preparação técnica como a:

“execução prévia do professor; o preparo metodológico dos estudantes e o preparo psicológico dos estudantes. Antes de qualquer coisa, é necessário que o professor realize uma visita prévia ao local onde se realizará o referido trabalho, aumentando consideravelmente a importância didática da atividade, já que isso proporcionaria ao professor uma visão geral do local a ser estudado/analísado. O autor nos diz que essa visita prévia facilitará o trabalho do professor, “em primeiro lugar, permitiria prever grande parte dos problemas que possam surgir durante o trabalho de Campo.”

Como já apresentados antes, vários elementos podem ser observados e analisados conjuntamente entre o professor e os alunos durante o Trabalho de Campo. Conhecer o local de estudo com antecedência permitirá ao professor listar elementos que apresentará positividade e relevância ao trabalho e/ou elementos a serem evitados.

Em segundo lugar, a partir do autor citado acima, a visita preliminar feita pelo professor ao local proporciona a facilidade na elaboração do plano do trabalho a ser desenvolvido com os alunos, tendo uma maior seguridade e organização na realização do Trabalho de Campo, traçando com maior exatidão os objetivos a serem atingidos.

Em terceiro lugar, o conhecimento precoce do local pode estabelecer auxílio ao professor no momento da construção do percurso metodológico e na

preparação psicológica do alunado, facilitando na escolha dos materiais mais acessíveis e adequados a serem levados no momento da realização do trabalho.

Neves (2015, p. 27), apresenta a importância dessa preparação metodológica e psicológica da seguinte forma:

Em relação à preparação metodológica e psicológica, salientamos que normalmente, os trabalhos de campo são atividades pouco comuns [...] e o simples fato de propor uma atividade dessa natureza pode gerar grande ansiedade nos alunos. Se bem aproveitada, essa ansiedade pode ser empregada de forma positiva no desenvolvimento das atividades.

No entanto, podemos dizer que a realização da visita prévia ao local a ser realizado o trabalho de Campo, pode contribuir com eficiência na realização da prática citada.

Carvalho (1941, p. 99) destaca outros benefícios da visita prévia e o apresenta da seguinte forma:

O passeio preliminar do mestre tem três vantagens consideráveis. Em primeiro lugar, o que vai ser objeto de estudos não será para ele, à última hora, uma fonte de surpresas e de encontros inesperados. O prestígio do professor, principalmente quando é moço ou inexperiente, se acha consolidado pela segurança de suas reações, pela atitude prevenida, pelo seu conhecimento prévio. Em segundo lugar, as oportunidades de informações sobre o assunto visado, assim como sobre observações laterais se acham enriquecidas pela visão que o mestre teve dos fenômenos vários do meio visitado. Em terceiro lugar, os contactos sociais que, porventura, tenham de ser estabelecidos, são decididamente mais valiosos quando prevenidos e esperados.

Concordamos com os autores que através da visita técnica o professor pode ter essa simples “ferramenta” como um grandioso meio para o desenvolvimento do seu planejamento e organização. Planejar os conteúdos acerca trabalhados em sala de aula para o desenvolvimento dessa prática. Esse planejamento pode variar de acordo com objetivo e conteúdo abordado em sala de aula, temos como exemplo trabalhar o relevo, vegetação, uma sociedade, entre outros.

- Realização

Traçamos como a segunda etapa do Trabalho de Campo, a Realização. Logo depois do período de planejamento e organização no qual são cumpridos todos os procedimentos sistemáticos e de protocolo da referida atividade, traçando metas e objetivos a serem desenvolvidas. Pois, bem sabemos que jamais pode haver um trabalho de campo o seu referido planejamento. Como destaca Furlan (2005, p. 111):

Todo trabalho de campo é precedido por uma avaliação de planejamento [...]. Uma pesquisa bibliográfica antes de ir ao campo é muito importante, pois permite um melhor conhecimento do local a ser estudado, facilitando o planejamento das atividades de campo.

Segundo Furlan (2005) além da importância do planejamento para efetivação do Trabalho de Campo a pesquisa bibliográfica é indispensável para a obtenção de conhecimentos prévios, assim como a visita.

Depois de concluído todos os trâmites de planejamento e organização sistematizada, iniciamos a Realização.

Para a constituição da etapa de Realização do Trabalho de Campo, Sternberg (1946), elenca alguns meios de forma de coleta de informação. São eles: Observação; Registro; Inquérito Geográfico e Entrevista; Coleção e Preparação de Amostras; Terminação do Trabalho de Campo e Reconhecimento Geográfico de Avião.

- Observação

Inicialmente em um Trabalho de Campo o primeiro ponto relacionado à observação é o reconhecimento inicial.

Conforme Sternberg (1946, p. 30):

Ao se chegar ao local de estudo, deve-se, em primeiro lugar, anotar as impressões obtidas e fazer isso rapidamente, pois essas impressões quase sempre são esquecidas rapidamente. Após esse instante, deve-se percorrer rapidamente a região a ser estudada, pois isso permitirá uma visão geral da paisagem.

Nesse primeiro momento, além dessa rápida avaliação inicial à captura de informações, cabe ao professor abordar uma rápida explanação tendendo a proporcionar uma analogia do que foi visto e estudo teoricamente em sala de aula e, o que está sendo apresentado no momento da realização da prática e

posteriormente, discussões em âmbitos escolares, já que o Trabalho de Campo vai além da relação Teoria-prática.

Neves (2015, p. 34), apresenta-nos que além dessa rápida avaliação inicial deve-se também iniciar o registro por escrito.

O registro por escrito, tanto da dimensão subjetiva (impressões) quanto da objetiva (tentativas de explicações), é importante à medida que o conhecimento produzido durante esse reconhecimento inicial pode ser resgatado em outros momentos e comparado com o conhecimento produzido ao final do trabalho de campo e ainda no momento de avaliação da atividade.

Sternberg (1946) nos afirma que além do reconhecimento inicial o professor deve deixar tempo para a observação reflexiva. Para ele, essa observação deve ser realizada do alto de elevações. Com isso, o professor poderá orientar a referida observação do alunado no sentido de compreender a dinâmica do espaço observado.

- Registro

Sabemos que o Registro feito em Trabalhos de Campo é algo rotineiro, principalmente o registro escrito, onde é o mais comum, os alunos com pequenos blocos de papeis constroem esboços rápidos para que não haja a perda de informações.

Segundo Sternberg (1946, p. 27) outras formas de registros devem ser incentivadas.

O registro sistematizado das observações de campo evidencia a existência de duas categorias de realidades a anotar. Fatos há (como a distribuição da vegetação ou a localização das habitações) de natureza essencialmente espacial, que se prestam admiravelmente à reprodução mediata ou imediata sobre cartas [...]. Outros informes (como, por exemplo, a descrição do gênero de vida do “personagem-tipo”), embora autenticamente geográficos, não se deixam reduzir a uma expressão cartográfica e devem ser recolhidos em fichas, notas, fotografias, croquis, etc.

Durante o Trabalho de Campo podemos utilizar várias outras ferramentas que proporcione o desenvolvimento dessa atividade. A utilização de meios cartográficos deve ser estimulada, mesmo que essa utilização seja apenas para simples representações espaciais, todavia, já possibilitará ao

alunado uma nova forma de traçar e construir seus novos conhecimentos acerca da Geografia.

Conforme Neves (2015, p. 36):

Argumentamos que a cartografia deve ser incluída em todas as atividades de campo, seja como forma leitura e localização, como forma de registro de informações ou como estratégia de interpretação/divulgação dos dados, por ser um recurso fundamental para desenvolver e aprimorar o olhar e o fazer geográficos.

Torna-se nítido, a partir da citação acima, que para o desempenho satisfatório da etapa de Registro de um Trabalho de Campo a utilização de elementos da cartografia, proporcionará ao aluno uma melhor visão do espaço, ele passará a representar da sua própria maneira os seus fazeres geográficos.

A partir da utilização da linguagem cartográfica para registros de informações, o professor pode criar materiais didáticos para trabalhar em sala de aula, tornando a aula menos rotineira e/ou cansativa. Construção de cartas representativas, croquis, etc.

Podemos observar na Figura 1, registro feito através de meios cartográficos e, logo criado um rápido croqui para a representação do espaço que foi observado. A partir da construção de materiais didáticos com a utilização de meios cartográficos como o croqui, o professor pode utilizar esse mesmo material para representar diferentes elementos de acordo com os seus objetivos e conteúdos trabalhados.

Figura 1: Croqui elaborado para a representação de um determinado espaço.



Fonte: CAMILO, C. (2014, não p.).

Existem outras possibilidades para coletas de informações no campo, que vai muito além da observação e o registro, esses sendo os mais comuns, será apresentado a seguir.

- Inquérito Geográfico e Entrevista

Para Sternberg, “Inquérito” é um complemento importante para a observação, pois para ele trata-se de “fatos visíveis”. O autor descreve esse procedimento a partir da aplicação de questionário aos agentes presentes ou viventes do determinado palco do Trabalho de Campo.

Através desses questionários podem ser colhidas informações que passaram despercebidos durante a simples observação. Desse modo:

As perguntas formuladas podem contemplar tanto os aspectos culturais quanto os físicos de um determinado espaço geográfico. [...] sugere que sempre que possível é interessante complementar os inquéritos geográficos com as entrevistas e conversas com os habitantes. (NEVES, 2015, p. 39).

A partir da citação acima, a estrutura das perguntas que poderá compor o questionário para ser aplicado são indagações que proporcione a coleta de informações tanto no contexto social, quanto físico, possibilitando o real entendimento da relação homem-meio (homem-natureza).

A utilização de questionários e entrevistas para o desenvolvimento do Trabalho de Campo proporciona ao entrevistado uma maior liberdade para expressar-se sobre aquilo que foi traçado a partir dos objetivos. Pois,

[...] graças ao contato direto com o entrevistado, o pesquisador pode perceber algumas sutilezas, como a expressão facial e corporal, a indecisão, o tom de voz (entre outros) que permitem certas deduções a respeito das declarações dadas. (NEVES, 2015, p. 43).

Portanto, durante a entrevista poderá surgir dúvidas ao entrevistado e, por fim, o entrevistador poderá esclarecer de forma acessível à respectiva dúvida.

- **Coleção e Preparação de Amostras**

Nem todo Trabalho de Campo poderá incluir a coleta de dados. Com isso, Sternberg (1946, p. 27) adverte sobre o seguinte: “Os estudantes necessitam, pois, conhecer a técnica de colher e de preparar os espécimes¹”. Esses espécimes podem ser tipos diferenciados de rochas, solos, troncos de árvores, água, enfim, qualquer elemento que venha servir como modelo de um todo.

Relembramos que toda a forma de instrução e instrumentação deve ser explicada e discutida em sala de aula de forma prévia antes da realização do Trabalho de Campo, com isso evitará a dispersão durante a atividade prática. Assim, o professor enquanto principal responsável pelo desenvolvimento tem por obrigação preparar os alunos metodologicamente para a coleta de dados e, posteriormente, a sua preparação para análise.

- **Terminação do Trabalho de Campo**

Neves (2015) nos apresenta que essa etapa é destinada ao ensino superior, todavia, pode ser adaptada para a Educação Básica.

A definição dessa expressão “Terminação do Trabalho de Campo” apresentada por Sternberg (1946) refere-se à organização de todo o material coletado durante o percurso do Trabalho de Campo. Portanto:

Consiste na revisão do que foi anotado, desenhado, fotografado e/ou colhido como forma de preparar esse material

¹ Modelo; o que pode ser usado como amostra ou exemplo sobre algo ou alguém, para demonstrar o conteúdo do todo. Dicionário Online de Português < <https://www.dicio.com.br/especime/>> acesso em 15 de Outubro de 2018.

para análise posterior. [...] atenta para o fato de que é realmente surpreendente como anotações, facilmente aproveitadas, quando frescas, se tornam confusas e precisam, em parte, ser abandonadas, quando se deixa passar muito tempo sem elaborá-las. (STERNBERG, 1946, p. 58).

Contudo, através da citação acima é necessário que as aulas posteriores sejam para revisão e sistematização de todo o material coletado e para a construção da sua análise.

- Reconhecimento Geográfico de Avião

Podemos chamar esse item, também, como perspectiva vertical. Sternberg (1946) apresenta esse recurso como uma nova forma de observação para a ciência geográfica.

A utilização desse recurso restringe-se apenas para pesquisas profissionais em Geografia. Pelo fato do alto custo de utilização dessa possibilidade. Portanto, o acesso do ensino básico a materiais elaborados por esse referido recurso é algo que apresenta grande dificuldade, cujo material, por algumas vezes, podem estar disponível pelas Universidades.

- Relato de Campo

Essa etapa é apresentada como a terceira e última para a conclusão do Trabalho de Campo. De forma singular, ela é constituída a partir de um relatório de Campo no qual é necessário constar as devidas informações coletadas e descritas nos tópicos anteriores, obedecendo à respectiva estrutura já mencionada durante o trabalho.

Antes de apresentar a finalização do Trabalho de Campo, cabe ao professor que, segundo Callai *et al.* (1988):

Vale lembrar aqui que durante o tempo em que se desenvolve todo o processo do trabalho de campo (planejamento, execução, análises e relatórios), o professor deve ter a preocupação constante de situar a atividade que está sendo desenvolvida dentro do contexto dos objetivos pelos quais estão sendo desenvolvidas as tarefas. Isto é necessário para se evitar o “fazer pelo fazer” apenas.

Para a produção de um Trabalho de Campo, requer avaliar a necessidade e apresentar objetivos para que não se torne apenas um trabalho simples e equivocado, ou seja, fazer pelo fazer.

Nessa perspectiva, segundo Neves (2015, p.42):

O relato de campo pode compreender elementos não só da fase de realização da atividade de campo e a consequente coleta e registro de informações, como também da fase de planejamento e organização. Pode, ainda, estar relacionada ao momento posterior ao trabalho de campo, no qual os estudos realizados se desdobram em pesquisas dirigidas que buscam complementar os dados recolhidos e analisados.

O perfil estrutural do relato de campo, como citado acima, pode introduzir-se a ele elemento teóricos discutidos e apresentados em sala de aula, como o planejamento e a organização, podendo não apresentar, literalmente, conclusão, mas deixando claro que poderão surgir novas pesquisas acerca do que foi exposto.

Venturi (2005, p. 225) apresenta a ideia de que:

A elaboração de um relatório de trabalho de campo, embora seja uma tarefa que se consolida ao final do trabalho, deve ser concebida antes mesmo de começá-lo, de forma a garantir que nenhuma informação se perca.

Ou seja, como já relatado nos primeiros itens o Trabalho de Campo deve-se iniciar tendo em mente já os resultados finais da sua produção.

Geralmente, os relatos de Trabalho de Campo são constituídos em equipe, todavia, o professor necessita se precaver a respeito do que cada integrante da equipe se encarregará de construir. É o que diz Neves (2015, p. 43):

Neste caso, é importante a divisão das tarefas para garantir a eficiência do registro das informações coletadas; mas é imprescindível que cada membro do grupo registre suas anotações por escrito, separadamente, já que cada observador procede a uma observação singular que pode ser complementada (ou confrontada) com as realizadas por outros membros da equipe.

Portanto, deve-se existir uma interação entre a equipe para que o relato do Trabalho de Campo possa obter a sua real efetivação dentro dos objetivos elencados no início do planejamento.

3. OS CONCEITOS DE PAISAGEM E LUGAR DENTRO DO TRABALHO DE CAMPO

No decorrer deste capítulo, definimos os conceitos de paisagem e lugar e indicamos possibilidades de explorar suas principais características. Isso com base nos pressupostos da metodologia dos trabalhos de campo apresentadas nos capítulos anteriores.

Sabemos que a geografia é uma ciência (inter/trans)disciplinar que constrói análises empíricas com a teoria. É uma disciplina que produz o estímulo da observação e, conseqüentemente, a descrição daquilo que foi observado. E uma das grandes importâncias da Geografia apresenta-se nas suas contribuições para o conhecimento sobre o espaço social e suas formas de transformação e ocupação desse espaço.

De acordo com Pena (2013), a ciência geográfica vem ao encontro da necessidade que o homem apresenta em conhecer o espaço em todas as suas perspectivas. Desse modo,

A importância da Geografia [...] não está somente nos conhecimentos sobre os nomes de países, suas capitais, dados populacionais, moeda, religião etc., mas também em explicar a dinâmica das ações no espaço, que não desvinculam do tempo. Por exemplo: a dinâmica da transformação dos espaços na cidade, a lógica da produção agrária, a distribuição dos movimentos sociais, a estrutura geomorfológica superficial da Terra, entre outros (PENA, 2013, p. 2).

A partir da citação acima, é perceptível que a Geografia estende a sua compreensão e análise muito além da mera classificação e nomeação. Ela busca entender a dinâmica dos elementos do meio físico de forma isola ou com a inter-relação do meio social.

Podemos dizer que o Trabalho de Campo construído no ensino básico deve-se priorizar o espaço geográfico local e/ou regional, estabelecendo um maior entendimento da vivência do aluno com o meio em que vive.

A partir dos objetivos do ensino de Geografia é perceptível que algumas tendências, em especial as contemporâneas, valorizam os conhecimentos prévios dos alunos e a busca por metodologias que promovam sua interação efetiva no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, Pontuschka (2000) avalia como um progresso qualitativo o fato dos docentes passarem a considerar saberes empíricos dos alunos como uma forma de iniciar o processo educativo sistematizado. Referindo-se especificamente acerca do ensino de Geografia, a autora chama atenção que:

O aluno vive o espaço de diferentes maneiras, em diferentes lugares, mas muitas vezes não tem consciência desse espaço e de suas contradições. O papel do professor é o de despertar essa primeira consciência, permitindo que o aluno tenha voz sobre os vários objetos de estudo e estimulando a emersão das idéias [*sic*] na tentativa de conhecer as raízes das representações sociais que podem ter sido construídas no cotidiano [...]. (PONTUSCHKA, 2000, p. 151).

Conhecer e compreender as categorias de análise da Geografia, Lugar e Paisagem, torna-se necessário para a construção efetiva de um Trabalho de Campo. A primeira apresenta uma relação de sentimentos a um determinado local; a segunda apresenta uma construção de uma formação física ou social.

Por considerarmos significativamente as experiências da vivência do alunado para a construção das aulas de Geografia e, com isso, reconhecemos a grande importância do desenvolvimento metodológico-prático do Trabalho de Campo para a aproximação sistematizada dos conteúdos trabalhados em sala de aula com a realidade dos alunos, ou seja, sua vida cotidiana.

Partindo disso, veremos a seguir uma breve conceituação acerca dessas categorias.

3.1. O Lugar

Célia Hempe (2011) nos diz que o Lugar está presente de várias formas e, portanto, a importância do seu estudo e análise se evidencia ante a necessidade do indivíduo entender e compreender o lugar em que está inserido. A partir disso, as pesquisas voltadas a compreensão do “lugar”, permite para os moradores e aos pesquisadores entenderem a dinâmica histórica ocorrida nesse determinado local.

Segundo Hempe (2011, p. 02) a definição de lugar é dada da seguinte forma, dividindo em dois conceitos,

O primeiro significa, uma área específica singular, identificada como tal pelo nome, como Brasília, Tóquio, São Paulo, observando que cada um desses lugares individuais é relacionado no índice de um Atlas, habitualmente com seu “endereço” expresso em graus de longitude e latitude. Para que tal lugar e ou cada ponto da superfície da Terra possa ser localizado num mapa, foi criado um sistema de linhas imaginárias chamado de Sistema de Coordenadas Geográficas. O segundo tipo de conceito [...] são os planaltos, desertos, agricultura, áreas metropolitanas. Cada uma dessas expressões designa uma espécie de uma classe ou gênero, organizada segundo um princípio de semelhança ou relação. (HEMPE, 2011, p. 2).

A partir disso, o lugar, compreendido para além da compreensão e localização, pode ser considerado tanto como o espaço de vivência, quanto produto resultante de relações históricas, culturais e naturais relacionadas ao seu processo de formação.

Deve existir uma valorização do lugar para que possa ser mantida ou desconstruída/reconstruída. Essa reconstrução acontecerá de acordo em que o contato com o lugar se intensifica e a visão acerca desse contato supera as impressões iniciais e se alarga em direção a seu entendimento.

Neves (2015, p. 61) considera de extrema importância a realização de Trabalhos de Campo no contexto do cotidiano do alunado. A autora destaca as seguintes razões:

(a) Trabalhar com um espaço conhecido do aluno permite que as suas experiências sejam incorporadas ao processo de ensino/aprendizagem; (b) a investigação de espaços do cotidiano é importante no processo de significação dos conteúdos do ensino de Geografia, destacando também o desenvolvimento de competências e habilidades de forma contextualizada; (c) permite investigar as explicações espaciais e os vínculos afetivos do estudante com o espaço local; (d) além de ser uma porção do espaço passível de ser conhecida pelos estudantes – ao menos parcialmente –, apresenta outra característica importante para o ensino de Geografia: o lugar preserva as relações dos vários níveis da escala de análise, permitindo que a investigação do local revele elementos de outras escalas.

A partir da ideia da citação acima, podemos relacionar ao que Callai (2000, p. 84) que “é o nível do local que traz em si o global, assim como o regional e o nacional”. Isso se dá pelo fato das articulações em maiores se materializam nos lugares. Santos (2005) reforça isso a partir da citação abaixo:

Como sabemos, o mundo, como um conjunto de essências e de possibilidades, não existe para ele próprio, e apenas o faz para os outros. É o espaço, isto é, os lugares, que realizam e revelam o mundo, tornando-o historicizado e geografizado, isto é, empiricizado. Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas também são globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares (SANTOS, 2005, p. 112).

Por consideramos que o conceito de lugar representa uma relação de apropriação do espaço pelo homem através de interferências direta, com isso utilizamos a conceituação de Carlos (2004). Ela compreende o lugar como um local de realização da vida que, portanto, envolve relações de afetividade entre o homem e o meio.

Carlos (2004, p. 51) destaca que:

É através de seu corpo, de seus sentidos que o homem constrói e usa os lugares – um espaço usado num tempo definido pela ação cotidiana. Isto é, o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – daí a importância do corpo e dos sentidos, que comandam as ações que envolvem e definem o ato de morar, que tem a casa como centro, mas que a partir dela vai ganhando os significados dados pela articulação desta, com o bairro, com a praça, com a rua; neste processo vão-se identificando os lugares da vida, marcando/apoiando a relação com o outro. Assim se constrói a tríade cidadão – identidade – lugar que aponta a necessidade de considerar o corpo, pois é através dele que o homem habita e se apropria do espaço (através dos modos de uso).

A partir do que foi mencionado, consideramos que o estudo do lugar para o ensino de Geografia é fundamental para resgatar as percepções dos estudantes acerca do meio cotidiano e despertar sentimentos de afetividade, valorização, pertencimento e preservação desses espaços. Com isso, Schäffer (2003, p. 93) nos lembra que

O lugar como espaço vivido, como o horizonte cotidiano, traduz a identidade de cada um. Assim sendo, o conceito e as vivências do lugar assumem um significado especial no ensino de geografia, na perspectiva de uma educação que se volta a atitudes de solidariedade e participação e que valoriza o conhecimento que promove a identidade (pessoal, social, espacial).

3.2. A Paisagem

Segundo Pisetta (2013, p. 11) traz a historicidade do conceito de Paisagem da seguinte forma:

O conceito de paisagem surgiu nas artes plásticas, especialmente, no Renascimento, em que ela era vista como um cenário decorativo. Na época do Romantismo europeu (meados do século XVIII), a paisagem era concebida como sinônimo da natureza. A noção de paisagem estava muito relacionada ao contexto natural, sem significados sociais explícitos, ocorrendo um distanciamento entre o homem e a natureza. O incremento dos transportes proporcionou uma nova interpretação da paisagem, visto que o homem, a partir daquele momento, principiava a locomover-se, não fazendo um olhar afastado da paisagem, mas observando a paisagem com visão empírica, aproximando-se assim, da natureza.

Para a Geografia, a autora diz que:

O conceito de paisagem aparece no final do século XIX, período em que a Geografia Cultural preocupava-se com os artefatos materiais produzidos no espaço. Enquanto a Geografia Cultural se interessava, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica. As dimensões simbólicas e subjetivas das culturas existiam, mas não faziam parte do interesse científico da época. Por esse motivo, a paisagem cultural era analisada através do seu aspecto visível, ou seja, material.

Atualmente, vários elementos podem formar a paisagem: naturais, humano, social, cultural, econômico e entre outros aspectos. Esses se articulam entre si, portanto, a paisagem está constantemente em uma dinâmica de modificação. Sendo adaptada conforme as atividades e necessidades humanas, e justo pela intensidade dessa ação é que teremos uma subdivisão em: paisagem natural, aquela que não sofreu nenhuma ação humana; a paisagem modificada, que surge a partir da ação do homem, exercendo atividades produtivas a modificam de modo irreversível. Ainda as paisagens organizadas, aquela que apresenta certo planejamento, ou seja, é fruto de uma ação combinada e contínua sobre o meio natural, a exemplo de cidades planejadas e praças.

O estudo da paisagem nos remete diretamente aos elementos visíveis do espaço geográfico, claro que não se restringe somente a eles já que a paisagem abrange outros elementos. Todos eles são interligados à forma pela qual o indivíduo entende esse espaço identificam seus respectivos elementos e logo constrói explicações sobre a sua dinâmica. Com isso, essas explicações são condizentes com a realidade. Portanto, torna-se necessário que o docente passe a instigar e orientar os alunos a observarem a paisagem de uma forma mais sistematizada.

Santos (1996, p. 62) afirma que:

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção [...]. A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão [...] A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência.

Como já discutido anteriormente, a paisagem abarca os aspectos do espaço perceptível pelos sentidos, com isso, observamos o conceito citado abaixo.

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. (SANTOS, 1996, p. 61).

Sabemos que, como, uma das principais atividades de um Trabalho de Campo consiste na observação *in loco* dos aspectos analisados, com isso podemos entender a fundamental importância do conceito de paisagem. Isto porque, primeiramente, o olhar/observar a paisagem pode favorecer a participação dos alunos ativamente no processo de ensino-aprendizagem, isso visto durante o desenvolvimento das atividades, pelo fato de envolver a percepção do espaço geográfico.

Independente de o aluno ter experiências empíricas, pelo fato da sua vivência ou não com a área de análise, a presença do Trabalho de Campo proporciona uma maior experiência direta com esse meio, além de possibilitar o desenvolvimento de um conhecimento sistematizado.

Em segundo lugar, analisar a paisagem significa explorar os seus aspectos e as inter-relações que esses mantêm entre si e com o homem. Através dessa análise podemos superar os elementos visíveis e compreender que os fluxos também fazem parte dessa paisagem e a partir desses pode haver a modificação dela. Desse modo,

Na leitura da paisagem o trabalho de campo é uma prática importante para a aprendizagem em geografia. Ele permite, efetivamente, que se possa construir o conhecimento a partir da realidade observada, analisada e contextualizada (no tempo e no espaço). Também constitui uma possibilidade de superação da fragmentação do conhecimento, na medida em que o estudo do real apresenta uma multiplicidade de aspectos que apontam para a concorrência das diversas áreas do conhecimento. É, sobretudo, uma vivência capaz de oportunizar o confronto concreto e simultâneo da teoria e da prática (SCHÄFFER. 2003. p. 94).

Marandola Jr. e Lima (2003) apresentaram em seu trabalho o conceito de paisagem para a construção de Trabalhos de Campo no ensino de Geografia, por entender que esse conceito pode ser um meio para conduzir a acreditar que esse conceito pode ser um meio para conduzir o aluno a uma compreensão holística do espaço.

Segundo os autores, a paisagem apresenta duas dimensões – a material e a simbólica – cuja inter-relação/interação poderia explicitar seu caráter integrador e permitir uma análise do espaço que compreendesse toda complexidade. Para esses autores as paisagens são “fruto da inter-relação de processos físicos e dinâmicas culturais” (MARANDOLA JR. e LIMA, 2003, p. 178).

Portanto, o Trabalho de Campo se torna indispensável para a compreensão e análise do espaço geográfico, através da observação da paisagem ou de qualquer outra categoria, sendo fundamental, também, no ensino básico.

4. CONTRIBUIÇÕES DO TRABALHO DE CAMPO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Dentro de um mundo contemporâneo globalizado e cheio de complexidades, o processo educacional sente-se resumidamente entre muros escolares, baseada numa ideologia tradicionalista. É necessário entender que todo espaço se constitui como um lócus educativo seja ele em um ambiente tido quanto formal ou informal (RÊGO, 2015). Portanto, o viver empiricamente é um dinâmico processo de aprendizado, a partir de movimentos e relações interpessoais.

A aula de campo se faz importante para o processo de ensino-aprendizagem, onde possibilita a construção do conhecimento prático, ultrapassando a teorização vista em sala de aula, e, além disso, expressa os significados prévios contido nas experiências cotidianas dos alunos. (SILVA. et al. 2015, p. 02).

A partir disso, o Trabalho de Campo se sobrepõem essencialmente no ensino de Geografia, tanto por ser uma metodologia inovadora quanto por proporcionar a interação do alunado dentro do processo de aprendizagem da ciência geográfica. Isso possibilita um entendimento sistematizado do mundo em que vive e convive com as categorias de análise geográfica.

Portanto, a seguir falaremos sobre a aplicabilidade do Trabalho de Campo no ensino da disciplina de Geografia e a sua contribuição para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

4.1. O Trabalho de Campo e o processo de ensino-aprendizagem em Geografia

O ensino de Geografia vem a cada dia sendo tema de discussões dentro das bases curriculares. Com isso, os professores têm buscado a todo instante apresentar a importância da Geografia para a compreensão de toda a dinâmica de inter-relação na/da Terra, seja social ou física, apresentando a influência da sociedade na formação e transformação do espaço, esse sendo fruto da convivência direta de cada indivíduo com a natureza, portanto, sendo necessário o entendimento sistemático e holístico dessa concepção.

Nessa perspectiva, Kaercher (2003, p. 174) afirma que:

Os espaços são desiguais e isso não pode ser visto apenas como obra da natureza. Compreender as desigualdades sociais e espaciais é uma das grandes tarefas da Geografia, para que a ciência instrumentalize as pessoas a uma leitura mais crítica e menos ingênua do mundo, que desemboque numa participação política dos cidadãos a fim de que possamos ajudar a construir espaços mais justos e um homem mais tolerante e solidário.

A transversalidade da utilização do Trabalho de Campo no ensino da Geografia vem proporcionando uma forte discussão em sala de aula acerca do entendimento da totalidade do espaço geográfico e, também, de uma forma fragmentada, entendendo as desigualdades sociais e espaciais dentro do âmbito escolar e observado através da atividade prática.

Com a utilização de metodologias ativas, que é o caso do Trabalho de Campo, o aluno deixa de ser um agente passivo no processo de compreensão e transmissão de conhecimentos – aquele que recebe tudo pronto, não é construtor do seu próprio conhecimento – passa a ser um problematizador, um ser ativo na busca e construção do conhecimento dentro do ensino da Geografia e em qualquer outra área de ensino. Ele passa a ser um indagador, criador de críticas e discussões para entender a sua real relação com o meio, isso proporcionado graças à geografia.

O Trabalho de Campo apresenta algumas teorias que o norteia na produção do ensino geográfico. Uma dessas é a construtivista, ou seja, apresenta-se como um processo que desenvolve gradualmente e de forma contextualizada o cotidiano do aluno. Castrogiovanni *et al.* (1999, p. 99) apresenta as seguintes recomendações:

A aula de campo é um rico encaminhamento metodológico para analisar a área de estudo (urbana ou rural), de modo que o aluno poderá diferenciar, por exemplo, paisagem de espaço geográfico. Parte-se de uma realidade local, bem delimitada para se investigar a sua constituição histórica e as comparações com os outros lugares, próximas ou distantes. Assim a aula de campo jamais será apenas um passeio, porque terá importante papel pedagógico no ensino de Geografia.

Bem sabemos que o ensino da geografia está muito além do que aulas classificatórias, ou seja, apenas aulas voltadas para ensinar nomes de rios,

relevância, países, estados, capitais, etc. O ensino da Geografia desencadeia no aluno uma visão sistemática do mundo, proporciona a construção do senso crítico do aluno e com isso ele passa a entender a dinâmica de relação social que é estabelecida dentro do espaço, relações essas que promove a construção ou reconstrução de novos espaços.

A partir disso, o Trabalho de Campo surge como uma ferramenta para ser utilizada dentro do ensino da geografia, que, além do aluno ter o conhecimento prévio do seu lugar/espaço, dos conhecimentos teóricos poderá também dispor de um olhar mais profundo acerca dos aspectos existentes no mundo. Assim afirmando Ciocari (2013, p. 36):

Sendo assim, o trabalho de campo propicia aos alunos um conhecimento multi e interdisciplinar, porque na realidade vivenciada por esta atividade tanto alunos como professores adentram ao inesperado e a complexidade de fenômenos e interações que forma a realidade numa dada situação. Isto condiciona a perspectiva da fusão das ciências em geral, assim como se entrelaçam a pesquisa e o ensino que irão (re)significar os conhecimentos antes apreendidos em sala de aula e desconectados da realidade.

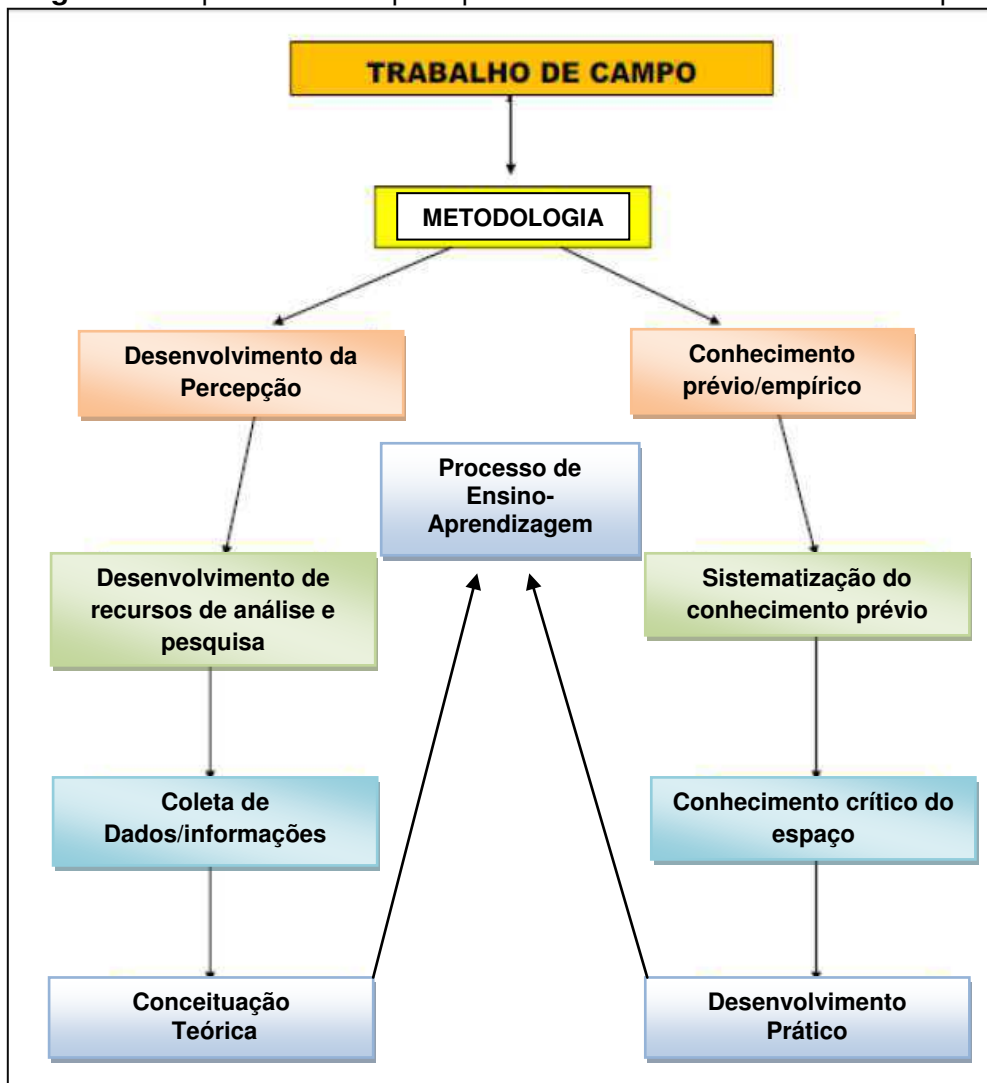
No Trabalho de Campo o professor tende a instigar o aluno a pensar e investigar a sua realidade. Segundo Ciocari (2013, p. 36):

[...] entende-se o trabalho de campo como um recurso didático, quando ele se apresenta por meio do método dedutivo, ou seja, ele é um recurso para ilustrar o conhecimento adquirido em sala de aula, utilizando-se a educação bancária e memorização dos conteúdos. [...] Nesse caso, o conhecimento está baseado em um processo de transmissão de forma vertical, ou seja, há apenas a comprovação do conhecimento já produzido.

O professor durante o ensino de geografia poderá, com a utilização do Trabalho de Campo, permitir ao discente fazer análise do mundo a partir do seu próprio local de vivência, pois as novas possibilidades que essa metodologia proporcionará aos mesmos será um olhar crítico, devido à dialógica encontrada em diferentes ambientes.

Podemos observar o esquema abaixo (Figura 2) de como um Trabalho de Campo se apresenta, mostrando as possibilidades da ação pedagógica.

Figura 2: Esquema com as principais finalidades do Trabalho de Campo.



FONTE: BARBOSA (2018, não p.)

Observamos que o Trabalho de Campo pode ser trabalhado desde o entendimento do conhecimento empírico proporcionando o desenvolvimento da percepção, quando aluno irá ter um olhar diferenciado sobre o que está sendo observado. Utilizará de meios metodológicos científicos (observação, questionários que podem ser aplicados aos indivíduos que vivem nesses espaços, a construção e de entrevista e/ou a utilização da história oral) para sistematizar o seu conhecimento prévio, coletando informações para serem analisadas de acordo com as conceituações teóricas, promovendo assim o real desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Cioccari (2013, p. 59) apresenta que:

O trabalho de campo se apresenta por um lado, como instrumento de fixação do conhecimento científico e de outro,

como construtor do conhecimento, valorizando o conhecimento prático (dentro do ensino da Geografia). Também pode ser considerado como uma atividade que leva à crítica da prática pedagógica no sentido da construção do conhecimento. Assim, o trabalho de campo será metodologicamente visto como construtor do conhecimento pela pesquisa em campo, que remete a observação, análise e confronto de teorias com o conhecimento prático e composição de um novo conhecimento.

Portanto, o Trabalho de Campo utilizado como uma metodologia para o ensino de Geografia trará grandes benefícios, como dito pela autora acima, ele pode ser como um instrumento de fixação do conhecimento, onde o aluno conseguirá estabelecer a real efetivação do que foi apresentado em sala de aula e, também, essa metodologia pode proporcionar aos alunos meios em que possam construir o seu próprio conhecimento crítico.

Assim, o ensino de Geografia torna-se mais agradável e interativo, rompendo os “velhos muros escolares” e possibilitando um maior horizonte de discussões e para os professores e alunos um melhor entrosamento extraclasse.

Diante dessa visão, Cordeiro & Oliveira (2011, p.103) afirmam que: “Esse posicionamento faz com que o educando perceba que a geografia vai além de algumas páginas de um livro, ou de uma sala de aula, mas que a mesma pode ser presenciada em diversos meios que o próprio aluno vivencia em seu cotidiano”.

Portanto, percebemos que a utilização do Trabalho de Campo para a dinamização do ensino de Geografia é de fundamental importância, possibilitando a todos os sujeitos que compõe a escola uma ampla visão do que é o mundo e como os seres se relacionam nele e, por fim, estabelecendo um satisfatório processo de ensino-aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões realizadas acerca da importância do Trabalho de Campo no ensino da Geografia, é perceptível que essa prática inovadora metodológica quando trabalhada de forma coerente pelo professor lhe permite desenvolver aulas inteiramente dinâmicas, atraentes e de grande importância no processo de ensino-aprendizagem para os discentes.

O Trabalho de Campo é uma parte importante no método das pesquisas geográficas ligadas ao ensino da Geografia. Quando há o desenvolvimento obedecendo aos critérios das etapas que subdivide a referida prática, possibilita a satisfatória compreensão da realidade de um dado espaço podendo ser o local de vivência do aluno ou qualquer outro lugar.

A contribuição colocada através do Trabalho de Campo possibilita ao docente ter um auxílio no processo de ensino-aprendizagem da Geografia, uma sistematização do conhecimento prévio empírico proporcionando diversos elementos favorecedores para estabelecer o conhecimento de leitura do mundo que, obviamente, seria difícil estabelecer esse entendimento somente a partir das aulas teóricas apresentadas em sala de aula.

Assim, ficou explícito por meio das pesquisas realizadas sobre o Trabalho de Campo e o ensino da Geografia, que as aulas aleatórias ou presas somente a um currículo e ao alicerce do ensino tradicional, desmotivam os alunos perante os conteúdos referentes à disciplina.

A partir da revisão bibliográfica acerca do Trabalho de Campo para o ensino de Geografia, com base em autores como Callai, Sternberg e Neves, podemos considerar que as aulas lineares e o alicerce tradicional de ensino, desestimulam os alunos perante os assuntos geográficos. A utilização dessa prática pedagógica inovadora apresenta ser o instrumento de ensino que mais desenvolve o estímulo dos alunos em razão da construção do conhecimento prático sistemático.

Portanto, verificamos que o Trabalho de Campo se faz necessário no processo de ensino da geografia, pois atribuem conhecimentos críticos-analíticos ao discente, estabelecendo uma relação conceituada do que é o espaço para cada um deles, além de promover a dinamização das aulas,

despertando a curiosidade nos mesmos, promovendo um maior interesse pela busca da compreensão acerca dos conteúdos geográficos.

REFERÊNCIAS

CALLAI, H. C. et al. **O estudo do município e o ensino de história e geografia**. Ijuí, Unijuí, 1988.

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

CARVALHO, D. de. **A excursão geográfica**. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, n. 4. 1941.

CASTROGIOVANNI, A. et al. **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões. Porto Alegre: ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/AGB – seção Porto Alegre, 1999.

CIOCCARI, C. C. **Ensino de geografia e o trabalho de campo**: construindo possibilidades de Ensino e aprendizagem sobre o espaço Urbano e rural em Júlio de Castilhos, RS. [Dissertação]. UFSM, 2013.

COMPIANI, M. e CARNEIRO C. D. R. **Investigaciones y experiencias educativas**: Os papeis didáticos das excursões geológicas. Enseñanza de las Ciencias de la Tierra, p 90-97, 1993.

FURLAN, S. A. Técnicas de Biogeografia. In: VENTURE, Luis Antonio Bittar. (Org). **Praticando geografia**: Técnicas de campo e laboratório em geografia. São Paulo: Oficina de textos, 2005.

HEMPE, C. **Lugar**: Diferentes significados. Publicado no XVI Seminário Institucional de Ensino, Pesquisa e Extensão; XVI Mostra de Iniciação Científica; IX Mostra de Extensão da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), 2011. Disponível em <<http://www.unicruz.edu.br/seminario/artigos/humanas/LUGAR%20DIFERENTES%20SIGNIFICADOS.pdf>> . Acesso em 31 de Out 2018.

KAERCHER, N. A. A Geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCHÄFFER, Neiva Otero; KAERCHER, Nestor André. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

MARANDOLA JR., E; LIMA, A. de. **Trabalho de campo e paisagem**: multidimensão e possibilidades metodológicas. Ciência Geográfica, Bauru, v. IX n. 2, p. 174-180, maio/ago. 2003.

NEVES, K. F. T. V. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia**: reflexões a prática docente na educação básica. Ilhéus: Editus, 2015.

OLIVEIRA, L. de. **Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa**. (Tese de Livre Docência) 1977. Universidade do Vale do Paraíba. Versão do arquivo em <http://www.cartografia.ime.eb.br/artigos/epq2.pdf>

PISETTA, N. A. S. **A importância do Trabalho de Campo no Ensino de Geografia**. UFPR, Curitiba, 2013.

PONTUSCHKA, N. N. **Geografia, representações sociais e escola pública**. Terra Livre, São Paulo, n. 15, 2000.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAQUET, M. A e SILVA, S. S. **MILTON SANTOS: concepções de geografia, espaço e território**. Geo UERJ - Ano 10, v.2, n.18. [online] Disponível na internet via <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/1389/1179>>. Acesso em Setembro de 2018.

SCHÄFFER, Neiva Otero. Ler a paisagem, o mapa, o livro... Escrever nas linguagens da Geografia. In: NEVES, Iara C. B. et al. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 5. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

SILVA, A. M. R. da. **Trabalho de campo: prática "andante" de fazer Geografia**. 2002.

SILVA, P. S. D. da. **A importância da aula de campo no ensino de Geografia**. II COINTER PDVL. 2015.

SILVESTRE, D. O. et al. **O trabalho de campo como prática pedagógica no ensino da geografia**. Centro de Ciências Exatas e da Natureza/Departamento de Geociências/PRODOCÊNCIA. 2009.

SOUZA, J. C. e PEREIRA, R. M. **Uma reflexão acerca do Trabalho de Campo e sua aplicabilidade no ensino de Geografia**. Universidade Estadual de Goiás. 2012.

STERNBERG, H. O. **Contribuição ao Ensino de Geografia: o trabalho de campo na Geografia e o laboratório de Geografia e o Equipamento Didático**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

VENTURI, M. A. **Relato do Trabalho de Campo**. In: VENTURI, Luis A. B. (Org). **Praticando a Geografia: técnicas de campo e laboratório em Geografia e análise ambiental**. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.

CORDEIRO, J. M. P.; OLIVEIRA, A. G. **A aula de campo em geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola**. Geografia (Londrina), Londrina, v. 20, n. 2, maio\ago. 2011.